

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E REPRESENTAÇÕES DO TERRITÓRIO APURINÃ

Luciene Cristina Risso
Profa. Dra. UNESP-Ourinhos SP
luciene@ourinhos.unesp.br

RESUMO

Este estudo visa entender a percepção ambiental dos indivíduos da etnia Apurinã (região de Lábrea – Amazonas) em relação ao seu território por meio das representações (mapas mentais - desenhos). Coletou-se doze representações e os ícones mais representados nestes mapas mentais foram as árvores e as casas da aldeia. Isto revelou a importância da conservação florestal para os povos da região amazônica, uma vez que dela retiram os recursos necessários para a sobrevivência, além dos saberes tradicionais associados a biodiversidade. Já as casas da aldeia representadas indicam a importância deste lugar onde se constrói a noção de pessoa e identidade.

Palavras chave: percepção do meio ambiente, mapas mentais, geografia cultural, comunidade indígena.

ENVIRONMENTAL PERCEPTION AND REPRESENTATION OF ETHNIC APURINÃ

ABSTRACT

This study aims to understand the environmental awareness of individuals of ethnic Apurinã (region of Lábrea - Amazon) in relation to their territory by means of representations (mental maps - drawings). Were collected twelve representations, and the most represented icons in these mental maps were trees and houses of the village. This revealed the importance of forest conservation for the people of the Amazon region, since they draw from her the necessary resources for survival, and also the traditional knowledge associated with biodiversity. Yet the represented houses of the village indicate the importance of this place where it builds the notion of person and identity.

Keywords: perception of the environment, representations, cultural geography, indigenous community.

INTRODUÇÃO

As terras indígenas enquanto territórios que expressam identidade, modos de vida e memória, fazem parte de nosso patrimônio cultural.

O território deste povo indígena foi compreendido através da cultura. É pela existência de uma cultura que se cria um território, e “é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”, diz BONNEMAISON (2002, p.102). Nas palavras deste autor, é “um tipo de relação afetiva e cultural com uma terra, antes de ser um reflexo de apropriação ou de exclusão do estrangeiro”. Além disto, estas relações são baseadas nos processos de percepção ambiental, entendido aqui como um “processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos” (DEL RIO, 1996, p.3). Este processo resulta em diferentes representações, significados, percepções, ações e condutas.

Os filtros culturais são essenciais neste processo, já que selecionam as informações recebidas conferindo significados diferenciados. Como resultado destas seleções, as atitudes perante o meio ambiente são diferenciadas, como também a capacidade real dos sentidos, como diz Tuan (1980, p.14). Assim, mesmo em ambientes com condições geográficas similares, o modo

Recebido em 26/01/2011
Aprovado para publicação em 06/09/2011

como determinada sociedade se relaciona com seu ambiente pode ser diferenciado. Portanto, a adaptação do meio não é determinada somente pela Natureza, mas são formas criativas do processo de percepção ambiental (influenciado pela cultura) na transformação do meio ambiente.

Neste sentido, este estudo visa entender a percepção ambiental dos indivíduos da etnia Apurinã (região de Lábrea – Amazonas) em relação ao seu território por meio das representações (mapas mentais² - desenhos). Por representações entende-se as “construções imagéticas decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais” (KOZEL, 2009). Assim, esta categoria da geografia cultural valoriza as percepções e as subjetividades. Kozel (2009) diz ainda que elas refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos, que as produzem perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo / simbólico que se situa na base da relação sujeito / signo/ imagem.

Quanto a metodologia, a coleta de dados efetivou-se através de trabalho de campo na comunidade indígena Apurinã do Igarapé Mucuim (AM). Foi solicitado para que a comunidade desenhasse “A Aldeia”, com o objetivo de buscar a percepção ambiental do grupo. Os cartazes foram distribuídos em cada casa para quem quisesse contribuir, sendo que o material (lápiz de cor, canetinha, etc) poderia ser escolhido livremente e já pertencia a eles, ou melhor, à Escolinha da Aldeia. Ao todo foram doze mapas mentais.

Referente à interpretação dos mapas mentais, concordou-se com a metodologia de Kozel (2001), a qual, os mapas mentais são vistos principalmente pelo ponto de vista da comunicação e não por suas categorias acadêmicas e artísticas, adaptando seus parâmetros de interpretação, que são quatro:

- 1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas etc.
- 2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc..).
- 3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
 - Representação dos elementos da paisagem natural
 - Representação dos elementos da paisagem construída
 - Representação dos elementos móveis
 - Representação dos elementos humanos
- 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades

Embora a análise das representações nas quatro fases permita uma maior compreensão, a interpretação dos mapas mentais neste estudo baseou-se principalmente na interpretação quanto a especificidade dos ícones.

Como a temática envolvida é pertencente a realidade amazônica numa etnia indígena, houve diferenciação quanto aos elementos materiais e imateriais próprios da cultura, no caso da etnia apurinã e os elementos materiais e imateriais externos à esta cultura inseridos ou não no cotidiano.

PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÕES DO TERRITÓRIO INDÍGENA DO IGARAPÉ MUCUIM – AM

Os doze mapas mentais indígenas, de uma forma geral, indicaram a forte relação entre eles e a Natureza, principalmente com relação a floresta equatorial – representada em onze destes

² Entende-se os Mapas mentais, segundo Kozel (2009), como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

mapas mentais – (a principal dos elementos naturais), exibindo ricos detalhes, revelando uma percepção apurada, um aprofundamento do olhar, como de um artista.

As árvores mais representadas foram o açazeiro (*Euterpe oleracea*) e o buritizal (*Mauritia flexuosa*), cujos frutos são abundantes no período do inverno amazônico. Outro elemento apresentado foi a fauna, presente em sete mapas mentais.

As casas da aldeia foram as mais representadas dentre os elementos construídos (onze mapas mentais). Vale dizer que as formas atuais das casas, estilo palafitas, são atuais e podem revelar uma forte intromissão da cultura branca, com a qual tiveram contato desde o século XIX na fase da borracha (figura 1). No entanto, chama a atenção no mapa mental de Vitor (Anexo 4) uma casa em estilo oval, parecendo uma casa comunal, descrita por vários viajantes que passaram na região³.

Figura 1: casas da aldeia da terra indígena estudada.



As projeções dos galinheiros parecem sugerir outra intromissão da cultura branca. No mapa mental de Daniel (Anexo 5), aparece nitidamente um homem bem feliz ao lado do galinheiro. Este sentimento relaciona-se ao fato de constituir-se concretamente na possibilidade de estocar alimento para os dias mais difíceis.

Em alguns mapas mentais os remos, arcos e flechas e vasos foram projetados. O remo apareceu em três mapas mentais e pode-se relacioná-lo indiretamente à sua importância para a mobilidade pelos igarapés e rios.

A maioria dos mapas mentais pouco representou os elementos moveis e humanos, importante resultado para ser pesquisado posteriormente.

Como símbolo religioso, a cruz aparece indicando uma igreja. Na verdade, igreja não existe, mas a casa do cacique Alonso Nunes da Silva Apurinã, que é um local onde se realizam cultos (pois a comunidade foi convertida à Igreja “Deus é Amor”). O que se observou em campo, foi a presença de um intenso sincretismo, revelado na grande mescla de religiões, com influências católicas, evangélicas e da própria cultura. Foram encontrados também seres míticos como a caipora, inserida neste universo territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No território Apurinã representado destacou-se principalmente as árvores da floresta e as casas da aldeia. Isto revela a importância da conservação florestal para os povos da região amazônica, uma vez que dela retiram os recursos necessários para a sobrevivência – alimentação, moradia, saúde, artesanato, etc, além dos saberes tradicionais associados a

³ As habitações típicas dos apurinãs, no século XIX, segundo relatos dos viajantes, eram muito diferentes. Para Steere (1949, p.213) “[...] a aldeia visitada compunha-se de três casas, cada uma feita para abrigar três ou quatro famílias. Apresentavam forma oval, ou melhor, mostravam dois lados paralelos tendo as extremidades arredondadas”. A casa, em estilo circular, representa um pensamento cósmico. Para Bachelard (1974, p.510) “[...] o que é redondo lembra o carinho”.

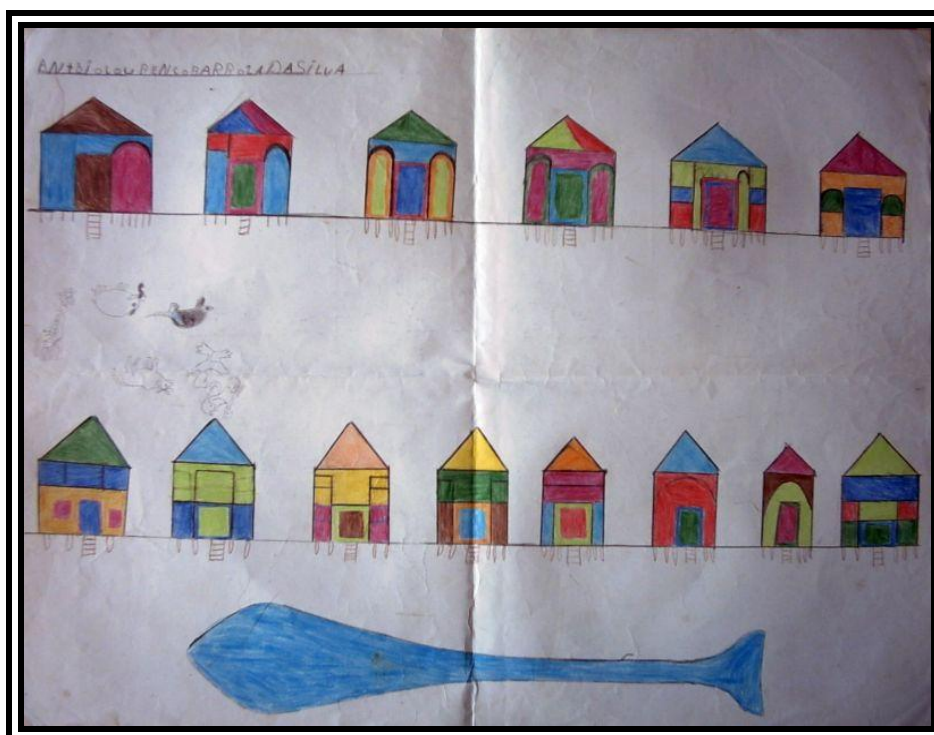
biodiversidade. Já as casas da aldeia representadas indicam a importância deste lugar onde se constrói a noção de pessoa e identidade. Em suma, esta metodologia foi impar para as reflexões subjetivas e culturais.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, D.G. **O espaço das águas**: interpretação ambiental visando a conservação dos recursos hídricos. Rio Claro: UNESP, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia).
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril. Cultural, 1974. p. 339-512. (Os pensadores).
- BERTRAND, C.; BERTRAND, G. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Org: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed.Masson, 2007.
- BONNEIMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p.83-132.
- CHAVES, R. P. R. **Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Apurinã do Igarapé Mucuí - AM**. Brasília: DF, 2002.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L.(orgs). **Percepção ambiental**: a experiência Brasileira.São Paulo: Studio Nobel; Editora da universidade Federal de São Carlos, 1996.
- EHRENREICH, P.M.A. Viagem aos rios Amazonas e Purus. **Revista Museu Paulista**, São Paulo, v.16, 1929.
- KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba a “capital ecológica”. São Paulo: USP, 2001 (Tese de Doutorado)..
- KOZEL, S. **As linguagens do cotidiano como representações do espaço**: uma proposta metodológica possível. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area02/2088_KOZEL_Salete.pdf>. Acesso em 01/12/2009.
- KOZEL,S.;GALVAO, W. Representações e ensino de Geografia: contribuições teórico-metodológicas. Goiânia: **Ateliê Geográfico**, v.2, n.5, p.33-48, 2008.
- OLIVEIRA, N.A. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. Curitiba: **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, volume 16, janeiro a junho de 2006.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RISSO, L.C. **Paisagem, cultura e desenvolvimento sustentável**: um estudo da comunidade indígena Apurinã na Amazônia brasileira. Rio Claro: UNESP, 2005. Tese. (Doutorado em Geografia).
- RODRIGUES, A.D. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- STEERE, J.B. Tribos do Purus. **Revista de Sociologia**, São Paulo, v.9, p.64-222, 1949.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

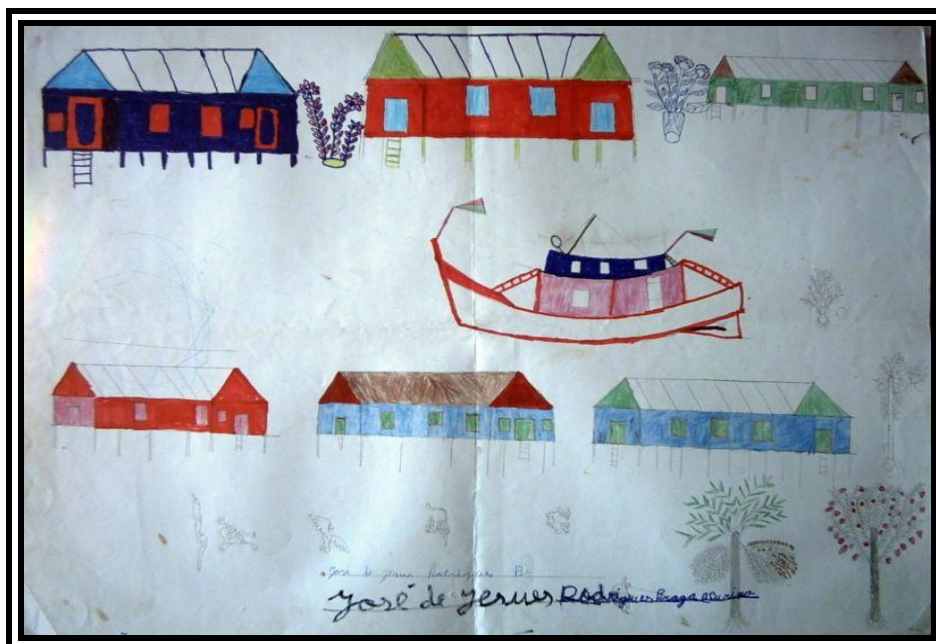
ANEXOS

Anexos 1 e 2 – Mapas mentais de Antonio Lourenço Barbosa da Silva Apurinã, Mitabiri Iraóu, 32 anos.



No primeiro mapa mental o autor revelou os elementos naturais como rio e árvores, construções – casas, galinheiro, símbolo religioso. No segundo mapa mental, o autor deu ênfase novamente nas casas e principalmente no remo, instrumento importante para a atividade da pesca e mobilidade do/no território.

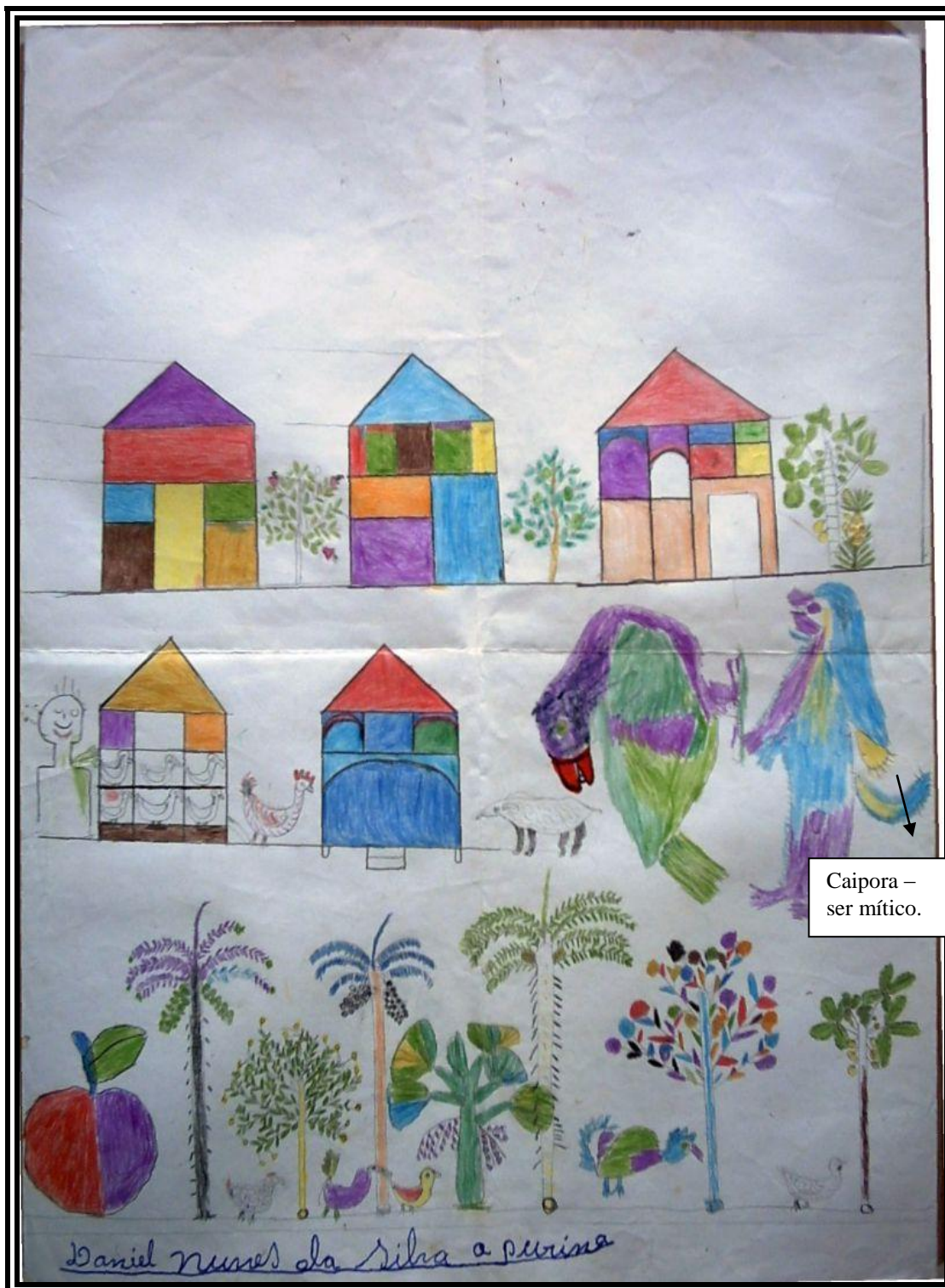
Anexo 3: Mapa mental de José de Jesus Rodrigues Braga, Kacatumari, 23 anos. Os elementos representados são: árvores, flores, casas e o barco da equipe da FUNAI.



Anexo 4: Mapa mental de Antonio Vitor Nunes da Silva, Karinu Karitina Mari, 22 anos. Nesta representação aparece uma casa no estilo comunal. A vida está envolta dos elementos naturais e artificiais. Pode-se notar formas de relevo como vertente e terras firmes. O escorpião é uma figura marcante que pode representar medo.



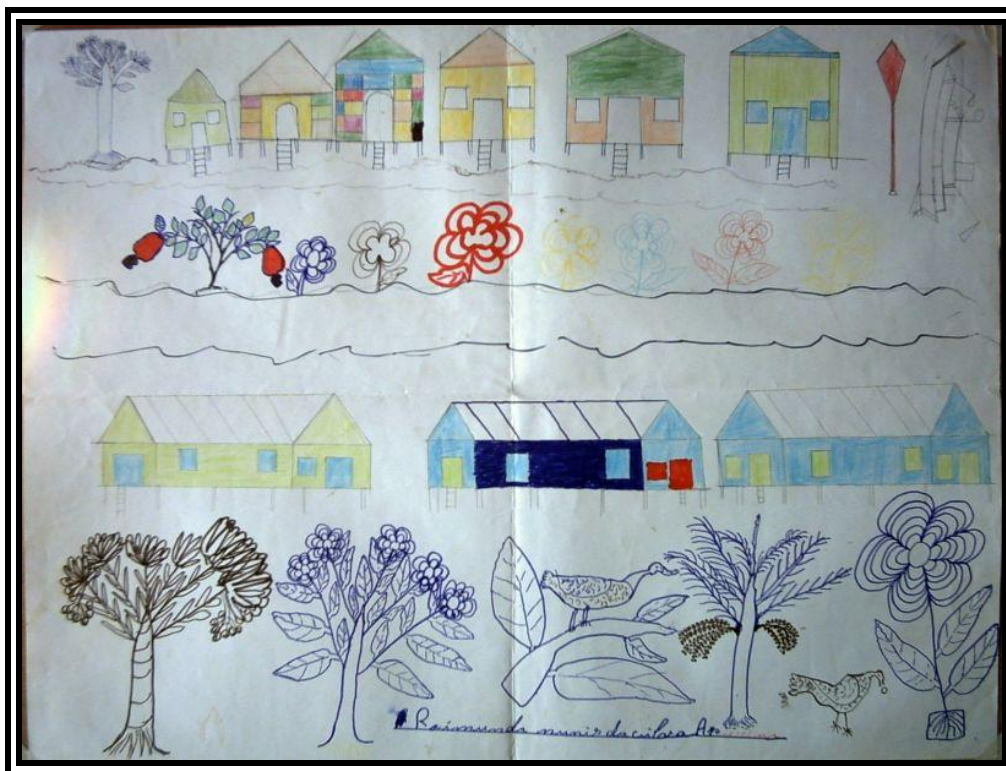
Anexo 5: Mapa mental de Daniel Nunes da Silva Apurinã. Caquirenri Anpitzaki, 38 anos. Esta representação é muito rica em detalhes e relações. Várias árvores como buritizais e açazeiros e relações ecológicas são notadas. Além disto, o autor representou um sentimento positivo e alegre em relação ao galinheiro. Quanto ao elemento simbólico nota-se um ser mítico no mapa mental.



Anexo 6: Mapa mental de Maria de Jesus Nunes da Silva, 11 anos, representando árvores, flores, animais (entre eles novamente o escorpião – sentimento de medo) e casa.



Anexo 7: Mapa mental de Raimunda Nunes da Silva Apurinã, Maquiuto, 24 anos, representando árvores, flores, animais, casas, remo e barco.



Anexos 8 e 9: Mapas mentais de Marta Barbosa da Silva Apurinã, Maiaripa, 46 anos.

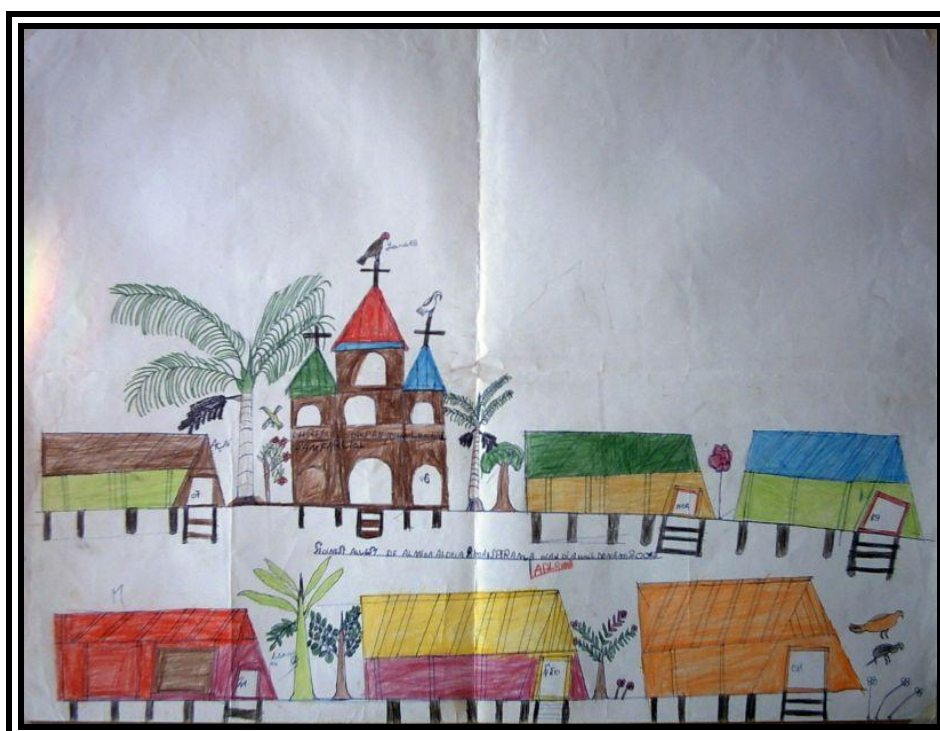


No primeiro mapa mental a autora retratou árvores, casas, barco da FUNAI e no segundo incluiu novamente árvores, flores e animais.

Anexo 10: Mapa mental de Raimundo Barbosa da Silva Apurinã, Matuncuri, 44 anos, representando árvores, animais e casas.



Anexo 11: Mapa mental de Sidnei Alves de Almeida (não índio), 13 anos. Ele representou árvores, animais, casas, e símbolo religioso.



Anexo 12: Mapa mental de Araújo Ricardo da Silva Apurinã, Kasukari, 44 anos. A representação mostra a atividade da coleta vegetal, os elementos naturais e objetos materiais da cultura apurinã (como o vaso e o remo). Nota-se também uma lâmpada em uma casa. Não existe energia elétrica na aldeia, mas isto pode indicar desejo de elementos da cultura branca que possam melhorar suas vidas.

